

## David e Svea Flood

Heróis: Legados de Fé da Modernidade—Parte 12

Salmo 126.5–6

### Introdução

No início dos anos de 1800, um ministro presbiteriano chamado Robert Murray McCheyne atuou como pastor... mas por pouco tempo. Ele serviu na posição de pastor titular, responsável pelo ensino bíblico na igreja. Apesar de ter ocupado a posição por menos de 5 anos, testemunhou cerca de 700 pessoas se convertendo a Cristo. Ele costumava dizer aos demais pastores e companheiros de ministério: “Pregue à sua congregação como se estivessem à beira da eternidade.” Robert morreu aos 29 anos de tifo. Contudo, seu ministério foi tão próspero que a Escócia foi impactada por décadas seguintes. 200 anos depois, ele ainda é assunto de estudo e respeito.

O pregador e comentarista John Phillips escreveu que, vários anos após sua morte, outro pastor estava bastante perturbado com a quantidade medíocre de fruto espiritual em seu ministério. Então, ele foi visitar a igreja que McCheyne pastoreava. Ele se deparou com um zelador trabalhando na igreja e perguntou se poderia lhe mostrar as instalações. O zelador fez o favor. Daí, o pastor humildemente perguntou se o zelador sabia qual tinha sido o segredo do ministério tão frutífero de McCheyne. O zelador, que já era um senhor de idade, levou o pastor até o escritório de McCheyne e lhe disse: “Sente-se ali àquela escrivaninha. Agora

coloque os ombros sobre a mesa.” O pastor ia obedecendo às instruções do homem. “Pronto, era assim que o pastor McCheyne costumava fazer,” disse o zelador. “Agora, coloque as mãos ao rosto.” O visitante obedeceu. “Agora, deixe lágrimas escorrer em seu rosto. Era isso o que McCheyne costumava fazer.”<sup>1</sup>

O salmista escreveu no Salmo 126.5–6:

*Os que com lágrimas semeiam com júbilo ceifarão. Quem sai andando e chorando, enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes.*

Apesar de o contexto desse Salmo ser o retorno da nação de Israel do exílio, Jesus Cristo toma os conceitos de semear, chorar e frutificar e os aplica à realidade da Palavra de Deus (Mateus 13). Paulo usou a mesma analogia quando se referiu ao ato de plantar a semente e de Deus fazê-la crescer (1 Coríntios 3.6). Também em 1 Coríntios, o apóstolo afirmou que suas cartas aos coríntios eram banhadas em lágrimas (1 Coríntios 2.4). Ele também lembrou os presbíteros de Éfeso de que os havia ensinado e pastoreado *com toda humildade, lágrimas e provações* (Atos 20.19).

Nos dias de Paulo, a perspectiva comum das pessoas era a de que os deuses jamais eram

sensibilizados pelas emoções e necessidades humanas. Eles denominavam essa qualidade insensível dos deuses de *apatheia*, a palavra da qual derivamos o termo “apatia.” Os deuses eram apáticos, insensíveis e insensibilizáveis.

Tendo em vista esse pano de fundo histórico, por que a recomendação para frutificar com lágrimas—para servir a Cristo, como Paulo fez, com um coração cheio de compaixão e emoção? Os deuses não agem assim!

Você já percebeu que jamais lemos no Novo Testamento que Jesus riu? Isso não significa que ele não tenha rido. Na verdade, com base em seus sermões e comentários, Jesus tinha um grande senso de humor. Seu primeiro milagre foi até numa festa de casamento. Nenhum verso diz que Jesus sorriu, mais provavelmente porque ele sorriu—e com frequência; podemos pressupor que o Filho de Deus sorriria.

Entretanto, algo que nunca imaginávamos que o Deus Filho faria é chorar, derramar lágrimas verdadeiras. Na famosa passagem de João 11, Jesus chega ao túmulo de seu amigo Lázaro, o qual já está morto há 4 dias (v. 17). O Senhor fica de pé diante do túmulo e lemos no verso 33:

***Jesus, vendo-a chorar, e bem assim os judeus que a acompanhavam, agitou-se no espírito e comoveu-se.***

Ou seja, Jesus ficou profundamente emocionado quando viu a dor e ouviu o pranto causado pela morte. Ele não ficou apático! Na verdade, o verbo grego aqui traduzido como *agitou-se* era também empregado para falar de um cavalo ofegante sob a tensão dos arreios. Ele pode ser traduzido “estremeceu.” Phillips traduz o verso da seguinte forma: “Ele se comoveu e ficou visivelmente perturbado.”

Daí, lemos no verso 35 algo que você pode até sublinhar: ***Jesus chorou.*** Deus está chorando. Cristo chora num cemitério. Imagine: mesmo sabendo que está prestes a demonstrar seu poder divino sobre a morte e profetizar a ressurreição vindoura para sua glória, ele ainda participa de nossa maior tristeza comum e universal. E se Deus pode chorar, você também pode!

Os rabinos ensinavam o povo dos dias de Jesus que a alma do falecido pairava sobre o corpo com o desejo de entrar nele novamente. Entretanto, depois de 3 dias, a alma ia para o Sheol—o lugar dos mortos—convencida de que não tinha mais chance de reavivar o corpo que antes carregara na terra.

Portanto, não é mera coincidência o fato de Jesus ter esperado até o quarto dia para realizar o milagre da ressurreição por seu poder. Ninguém poderia negá-lo: Lázaro não ressuscitou de alguma forma de um coma; ele foi ressuscitado dos mortos.

No verso 43, lemos que Jesus dá a ordem: ***Lázaro, vem para fora!*** Literalmente, “Lázaro, aqui fora!” Agostinho foi o primeiro a dizer que, se Jesus não tivesse se referido a Lázaro especificamente quando deu a ordem “vem para fora,” todos os mortos teriam ressuscitado dos túmulos imediatamente. Lágrimas foram seguidas de alegria—uma colheita do poder da ressurreição.

Jesus chorou por um pecador. No Getsêmani ele chorou pelo mundo:

***Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade*** (Hebreus 5.7).

Esse texto nos informa que houve várias ocasiões em que Jesus chorou, muito provavelmente incluindo a vez quando lamentou

por sua nação em Mateus 23.37:

***Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!***

Jesus chorou por um só pecador, e ele chorou também por sua nação. E o contexto de Hebreus 5 revela os bastidores do Getsêmani, onde Jesus chorou pela sua breve substituição pelos pecados do mundo. Ali no jardim, Cristo se rendeu à vontade do Pai com muito clamor e grande agonia, indicando sua disposição para morrer. O Evangelho de Mateus nos conta que Jesus foi para o Getsêmani e disse aos discípulos: ***Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar*** (Mateus 26.36).

Agora, precisamos lembrar que dentro de Jerusalém não havia jardins; além de a cidade ser aglomerada demais com construções, ainda havia uma lei determinando que o solo da cidade não deveria ser poluído com estrume. Tenho certeza de que o povo em geral, tendo em vista a aglomeração na cidade, gostava dessa lei que bania estrume. Contudo, alguns moradores mais ricos tinham seus próprios jardins particulares do lado de fora no Monte das Oliveiras. Eles construíam belíssimos muros de pedra ao redor de seus terrenos onde iam para descansar e relaxar um pouco. Evidentemente, Jesus tinha um amigo rico que lhe emprestou seu jardim para lhe servir como local de descanso e oração.

Em Mateus 26.37, lemos que Jesus, ***levando consigo a Pedro e aos dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se***. Jesus ficou angustiado, ou seja, ficou tomado de tristeza. Ele não somente chorou pela morte de um amigo querido, mas chora agora por causa da dor do sofrimento e abandono do Pai, pois a cruz

representava exatamente isso.

Continue no verso 38: ***Então, lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo***. Por que Jesus pede que eles vigiem com ele? Será que ele está preocupado que os três discípulos o trairão? Será que fica angustiado porque em breve o abandonarão? É isso uma advertência implícita a Pedro de que ele precisa realmente orar e não prometer nada? Será que Cristo está triste porque sua nação o rejeitou? Ou será que ele já está ouvindo o povo gritando, “Não temos outro rei senão César! Crucifique-o!”? Talvez Jesus pensa na quebra de comunhão com o Pai, na dor da crucificação, na terrível verdade de que se tornaria pecado por nós, apesar de não ter cometido sequer um pecado?

Tudo isso é verdade. Jesus Cristo irá chorando, mas como as coisas serão diferentes no domingo de manhã! Assim como uma semente isolada, morta e enterrada, depois ele produzirá grande colheita de alegria.

A semente de seu sacrifício pessoal é a mesma coisa demonstrada milhares de vezes nas vidas de crentes—alguns dos quais já estudamos juntos—que foram cercados de tristeza. Depois, porém, as coisas mudaram; em alguns casos, a mudança só veio após morrerem. A tristeza da noite foi substituída pela alegria que veio pela manhã.

Nesta última mensagem na nossa série biográfica, desejo destacar uma das demonstrações mais tocantes de sacrifício pessoal, morte, tristeza... e fruto.

Em 1921, David Flood, sua jovem esposa Svea e o filho pequeno de 2 anos de idade partiram da Suécia em direção ao interior da África. Eles viajaram com outro casal jovem de missionários, o Joel e a Bertha Erickson. Ambos os casais eram

membros bastante envolvidos em suas igrejas—eles cantavam no coral, Svea tocava violino e era a solista da igreja. Mas eles tinham comprometido suas vidas a pregar o Evangelho a tribos africanas ainda não alcançadas.

Grande era seu entusiasmo enquanto desbravavam as florestas nas montanhas do Congo, a fim de iniciar um ministério em alguma vila não alcançada. Para sua grande surpresa, uma vila após outra barrou sua entrada, convencidas de que enfureceriam seus deuses e trariam muitos problemas. Após dias carregando seus próprios suprimentos, já com fome e fracos, eles oraram à medida que se aproximavam de ainda outra aldeia não alcançada do outro lado da montanha, na esperança de finalmente poderem descansar e ter oportunidades de ministério. O cacique dessa tribo, todavia, agiu de forma mais hostil do que os anteriores e exigiu que fossem embora.

A biografia do casal diz: “Eles lutaram para carregar seus suprimentos ao topo da montanha. Lá em cima, armaram suas tendas, sabendo que estavam já cansados demais para partirem para outra expedição. Então, decidiram abrir uma clareira e construir barracas de barro, fazendo o melhor possível para conviver bem com os nativos hostis.”

No decorrer das próximas semanas agoniantes, que se estenderam por meses terríveis, David e Svea Flood lutaram para aprender o idioma suahili e, juntamente com a outra família missionária, tentaram de tudo, mas o cacique da tribo somente apertava mais o punho em seu povo. Os nativos estavam proibidos de visitar os missionários, com exceção de apenas um garoto que podia subir a montanha e lhes vender galinhas e ovos.

David ficou maravilhado diante da insistência de sua esposa, a qual dizia que, apesar de talvez

jamais alcançarem a aldeia e de jamais impactarem a África, ela poderia pelo menos ganhar esse garoto para Jesus Cristo. Por isso, toda vez que o menino subia até o acampamento dos missionários, ela lhe tratava com amor e lhe dava atenção. Num belo dia, os missionários observaram de longe enquanto Svea orava com o garoto e o conduzia numa oração de arrependimento. O novo discípulo teria que manter sua decisão em segredo; caso contrário, não poderia voltar mais ou outra coisa pior aconteceria.

Mas para os outros missionários, Joel e Bertha, a missão foi um grande fracasso. Eles decidiram deixar David, Svea e o filho e partir para um posto missionário já estabelecido a alguns quilômetros dali. Apesar de a família Flood constantemente lutar contra a malária e condições de vida bem primitivas, eles decidiram ficar ali.

Um tempo depois, Svea disse que estava grávida do segundo filho. Ela já estava fraca e com bastante dificuldade física; David temia o pior. A gravidez já estava avançada demais para viajarem pela floresta do Congo; seria um grande risco para Svea e para a criança. O bebê nasceria lá na montanha mesmo em sua cabana de barro.

O garoto das galinhas contou a novidade ao cacique, o qual, para a surpresa de todos, permitiu que uma das mulheres da aldeia servisse de parteira. Quando chegou a hora de a criança nascer, Svea estava muito fraca com malária. A nativa chegou para ajudar e encontrou Svea gemendo de dor e sofrendo de febre alta. Nasceu uma menina e Svea disse em voz baixa que seu nome deveria ser Aina, um nome sueco comum para meninas. 17 dias depois, Svea Flood morreu.

Desesperado e com ira amargurada, David cavou uma cova rudimentar e enterrou sua esposa de 27 anos. Como ele conseguiria cuidar do filho de 2 anos e agora de uma bebê recém-nascida, que

também está doente, sem a ajuda de ninguém? Ele, então, contratou algumas pessoas da aldeia, desceu a montanha e foi para aquele posto missionário. David não queria mais saber de ministério, Evangelho e de Deus. Até onde sabia, Deus tinha ceifado a vida de sua fiel esposa e aquela missão não tinha passado de um grande e trágico desperdício.

O problema era que voltar para a Suécia era uma tarefa monumental; ele sabia que não havia ninguém para alimentar e cuidar de sua filhinha. Já que Joel e Bertha não podiam ter filhos, David lhes ofereceu a oportunidade de adotar Aina. O casal ficou muito contente com a oportunidade e concordou. Com isso, David pegou seu filho e foi embora do posto missionário para nunca mais voltar. De fato, ele nem mesmo olhou para trás.

Antes de Aina completar 1 ano, alguns nativos descrentes envenenaram a comida de Joel e Bertha Erickson. Dentro de poucos dias, ambos morreram. Novamente, Aina estava órfã. Mas em breve, outro casal de missionários a adotou e criou como se fosse sua própria filha.

Quando completou 3 anos, Aina e seus pais adotivos deixaram o campo missionário na África definitivamente e acabaram se estabelecendo na cidade de Minneapolis, estado no Minnesota, Estados Unidos. Posteriormente, Aina escreveria que, ainda quando garota, sabia que era diferente. Ela ficaria conhecida como a filha da missionária que morreu na montanha, resgatada pelos missionários que morreram envenenados para, de fato, conforme diz sua biografia, “ser uma menina sem pátria.” Por fim, Aina foi estudar numa faculdade cristã de Minneapolis e se casou com um jovem piedoso que entrou no ministério.

Anos se passaram e Aina não tinha informação a respeito de seu pai. Ela sabia pouco sobre seu

passado; obviamente, sabia os nomes dos pais e que sua terra natal era a Suécia, mas nada mais. Ela mal tinha tempo para pensar no assunto, já que vivia ocupada com marido, família e ministério. Seu marido acabou se tornando o presidente de uma faculdade evangélica nos Estados Unidos.

Daí, um dia, inesperadamente, uma revista religiosa sueca apareceu em sua caixa de correspondência. Ela não fazia ideia de quem a havia enviado; e, é claro, ela não conseguia ler nada. Mas assim que começou a folhear as páginas, uma foto chamou sua atenção: a foto de uma cruz branca pequena fincada no chão sobre o que obviamente era um túmulo; e na cruz estava o nome “Svea Flood.” Ela entrou logo em seu carro e foi até a casa de uma professora da faculdade que era sueca. A professora foi traduzindo à medida que lia—dois missionários que desbravavam uma floresta africana, acampando à noite e viajando de dia, chegaram a uma vila no Congo, depararam-se com esse túmulo e tiraram uma foto.

Elas continuaram lendo a revista e, indagando a respeito da história, descobriram que o túmulo era de uma missionária mãe de uma bebê. Apesar de a missionária ter falecido, tinha conseguido conduzir um menino africano a Cristo. O pai da bebê a deixou nas mãos de outros missionários para que a criassem.

O artigo continuou: “Infelizmente, Svea Flood não viveu o suficiente para saber que aquele garoto africano que tinha conduzido a Cristo no topo daquela montanha conseguiu permissão do cacique da vila para abrir uma escola na aldeia. Aos poucos, esse garoto, agora já um rapaz, se tornou professor e líder, ensinou o Evangelho de Cristo e todos os seus alunos confiaram em Cristo também. Em seguida, as crianças evangelizaram os pais e até o cacique se converteu. Agora, a vila tinha 600 crentes e uma igreja funcionando que professava

Cristo como Senhor e Salvador. Tudo isso por causa do sacrifício, das lágrimas e da sementeira de David e, principalmente, de Svea Flood.

Aina não conseguia acreditar naquilo. Ela começou a chorar e agradecer a Deus por poder saber a verdade sobre seus pais, o sacrifício que fizeram e a enorme quantidade de frutos produzidos ali.

Como presente de 25 anos de casados, a faculdade deu a Svea e seu marido uma viagem à Suécia, onde, dentre outras coisas, Aina iria em busca de seu pai. Encontrar sua família não foi difícil: David Flood havia se casado novamente e tido 4 filhos, mas sua segunda esposa também tinha falecido. Agora um homem já idoso, ele desperdiçava a vida como alcóolatra e agnóstico professo que proibia as pessoas de conversar com ele sobre Deus. Disseram a Svea: “Olha, se vir seu pai, não fale com ele sobre coisas espirituais. Quando ouve a palavra ‘Deus,’ ele fica furioso.”

Apesar disso, Aina estava determinada a vê-lo. Finalmente, ela encontrou seu apartamento pequeno; uma moça abriu a porta. Dentro de seu quarto havia garrafas de licor no limiar de cada janela; a mesa estava coberta com ainda mais garrafas. Ela escreveu em sua biografia:

*No canto direito lá no fundo estava um homem idoso de pele enrugada deitado numa cama desarrumada, com a cabeça virada para a parede. Diabetes e um derrame o haviam deixado confinado àquele quarto pelos últimos 3 anos.*

*A moça se curvou e disse: “Papai, Aina está aqui.” Ele se virou para mim, eu segurei sua mão e disse: “Papai?” Ele começou a chorar. “Aina, eu não queria ter dado você.” “Está tudo bem, papai,” respondi com calma e*

*segurando-o em meus braços, “Deus cuidou de mim.” De repente, ele se enrijeceu todo e as lágrimas pararam de cair. “Deus se esqueceu de todos nós,” exclamou, “nossas vidas estão assim por causa dele. Fiquei na África por todo aquele tempo... só um garoto e depois perdi sua mãe.” “Papai, preciso contar uma história para você. Você não foi para a África em vão; a mamãe não morreu em vão. Aquele garoto que vocês ganharam para o Senhor cresceu e ganhou sua aldeia inteira para Jesus Cristo. Hoje, 40 anos depois, existem 600 pessoas na aldeia servindo a Jesus Cristo porque vocês obedeceram ao chamado de Deus para suas vidas.”*

*David Flood se virou lentamente até que olhou nos meus olhos; ele estava cheio de esperança, querendo acreditar no que lhe dizia, ansiando para que aquela perturbação em sua vida terminasse de alguma forma.*

*“Papai, essa é uma história muito conhecida... nós temos um Deus grandioso.” As lágrimas voltaram... ele começou a falar. No final daquela tarde, a bondade de Deus o tinha conduzido ao arrependimento, perdão e restauração de comunhão.*

Aina e seu marido retornaram para casa. Algumas semanas depois, seu pai foi para o céu. Aina soube depois que, nas últimas horas de sua vida, em seu delírio, ele começou a falar em suahili.

Deixe-me adicionar um apêndice a essa história. Aina e seu marido estavam em Londres, Inglaterra, participando de uma conferência evangelística. Muitos líderes representantes de denominações e associações de igrejas evangélicas espalhadas pela África estavam presentes para prestar relatórios. Um relatório foi dado pelo representante do Zaire, um superintendente de uma

associação de igrejas do país. Ele estava ali representando 100 mil crentes batizados. O homem falou com eloquência sobre o avanço do Evangelho em seu país. Ele disse: “Hoje, temos 32 postos missionários, um hospital com 120 leitos, várias igrejas evangélicas grandes e nossas igrejas somam 110 mil convertidos batizados.” Logo em seguida, Aina foi até ele para lhe fazer algumas perguntas, mas uma em particular. Vou deixar Ainda contar com suas próprias palavras:

*“Sr., será que você conheceu um casal jovem de missionários—David e Svea Flood? Eles trabalharam num posto missionário. A única coisa que sei é que era numa montanha.” “Sim, madame,” respondeu ele, “eu vendia galinhas e ovos para eles... foi Svea quem me conduziu a Cristo Jesus. E quem é você?” Respondi: “Sou a filha de Svea Flood; nasci lá em cima daquela montanha.”*

*Lágrimas começaram a descer em seu rosto e, daquele jeito africano, me abraçou e ficou me balançando de um lado a outro, soluçando do fundo de sua alma. Em seguida, exclamou: “Tenho indagado tanto sobre o que aconteceu àquela bebezinha branquinha cuja mãe morreu por nós. Você precisa voltar para aquela aldeia; sua mãe é a pessoa mais famosa na história de nossa igreja.”*

Aina concordou. Depois de alguns meses de planejamento, Ainda e seu marido fizeram a longa viagem de volta ao seu local de nascimento. Eles conseguiram chegar ao posto onde ela foi dada aos seus pais adotivos, Joel e Bertha Erickson. Foi nesse posto que ela tinha morado quando garotinha, brincando na terra com amiguinhos africanos e aprendendo o idioma suahíli. Ela visitou os túmulos de seus pais adotivos que foram mortos envenenados quando ela tinha cerca de 1 ano.

Por fim, dirigiram vários quilômetros até a aldeia que seus pais tanto tentaram alcançar. Só que dessa vez, havia centenas de nativos esperando e celebrando quando ela foi se aproximando; eles tinham feito arcos com flores para recebê-la. Aina escreve:

*Depois, o pastor da igreja na aldeia me levou montanha a cima com todo o povo nos seguindo; no topo da montanha, havia um lugar plano debaixo de um bosque. O pastor apontou naquela direção e disse: “Foi naquele lugar que seus pais construíram sua casa de barro... foi ali que você nasceu.” Em seguida, ele se virou e apontou, sem dizer nada, para um túmulo simples, feito de cimento; sobre ele estava uma bela palmeira, de frente para a aldeia inteira lá embaixo. Identificando o túmulo estava aquela pequena cruz branca e nela escrito: “Svea Flood (1896–1923).” Eu estava em pé onde minha mãe esteve um dia proclamando o Evangelho a um garotinho. Agora eu conhecia o fruto da semente que minha mãe plantou.*

*O pastor abriu sua Bíblia, cercado por uns 100 nativos crentes, e leu uma linha de um dos Salmos: o Salmo 126.5: **Os que com lágrimas semeiam com júbilo ceifarão.**<sup>2</sup>*

Deus sabe o que significa chorar; Deus sabe o que significa sofrer perdas; Deus sabe o que significa semear sementes que parecem não produzir frutos. Mas Deus conhece o fim, ele sabe o fim da história—que lágrimas de tristeza, perda, frustração, dor em breve serão enxugadas e substituídas por alegria indescritível. E o fruto da semente do Evangelho de Cristo—eu e você—e o fruto dos nossos esforços que não fazemos ideia que existe, juntamente com centenas de milhares de nativos, além de David e Svea Flood e todos os demais que estudamos—nós, os frutos da colheita

de Cristo viveremos eternamente.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 15/12/2013

©Copyright 2013 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

---

<sup>1</sup> John Phillips, *Exploring the Psalms: Volume 2* (Loizeaux Brothers, 1988), p. 478.

<sup>2</sup> Retirado de Aggie Hurst, *Aggie: The Inspiring Story of A Girl without A Country* (Access Publishing, 1986).